SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVIII
SETEMBRO
DE 1972
N.º 329

Comp. • Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

BOMBEIROS, BANHEIROS E RADIAMADORES

Pelo Rev. EDUARDO MOREIRA

Nós bem sabemos: a pegada dum Escoteiro que, impressa no solo lunar, se perpetuará por não sabemos quantos milhentos anos, estimula a nossa imaginação, excita o nosso brio, anima os nossos melhores desejos. Mas a Lua está tão longe e tão fria, e a Terra tão próxima e pronta a juntar o seu calor cósmico ao nosso calor humano!

Pensemos nos incêndios que, por toda a parte, rebentam e se multiplicam neste Verão, aliás como nos anteriores. Basta um gesto de fumador inveterado, quando arremeça, com presunção ou por distracção, o resto do seu cigarro, decerto a parte menos nociva para ele, porque a não usou, mas bem mais perigosa para o seu semelhante, a sociedade sempre em risco de ficar mais pobre, se a floresta se incendeia, ou nos lugares públicos onde se acumula e onde já tem havido verdadeiras hecatombes.

É sabido que por vezes não há descuido humano, nem até falta de vigilância de quem a tem a seu cargo, mas causas naturais imprevistas. E nem só me refiro ao mal avisado como também ao ignorante duma lei comezinha, a da deflagração que o sol pode provocar por meio de simples estilhaços de recipientes de vidro que se deixam ficar a descoberto, na pressa da partida dum repasto no campo, onde se supôs ter-se apagado bem o rescaldo enganador dumas saudosas horas, e as chamas surgem nas nossas costas.

Vem então a propósito, ao nosso pensamento, a figura viril do Bombeiro, pronto a arriscar: «Vida por vida»: a sua, no desejo de poupar outras. O fogo é esse elemento ao mesmo tempo confortador e devorador que, dominado, se tornou grande auxiliar do homem, afastando as feras, amenizando os invernos, depurando os metais e afeiçoando-os em utensílios e artefactos.

Mereceu o fogo, do santo-poeta Francisco de Assis, o qualificativo de «nosso irmão»... assim como a água, outra «nossa irmã», também elemento indispensável à vida, e que em parte substancial entra na nossa própria estrutura física. Contudo, ela se torna, como o fogo, elemento fatal quando, se somos fracos ou medianos nadadores e nos aproximamos de sorvedouros marítimos, ou ainda se nos aventuramos a nadar, confiados na nossa aptidão, ou fiados naquele estribilho tão português: «não há azar!»; isto em horas de digestão incompleta.

Surge aqui na nossa mente outra figura respeitável, junto à do Bombeiro: a do Banheiro. Portugal não esquece, não deve esquecer, Homens como Guilherme Gomes Fernandes e Patrão Joaquim Lopes, à testa de duas falanges admiráveis de salvadores, adversários do fogo e da água nos acessos desmarcados dessas duas forças quando castigam a distracção, a incúria, a temeridade ou o desinteresse egoísta.

Bombeiros e Banheiros, salve! Muito mereceis da sociedade humana que protegeis, auxiliais e servis.

Poderia ainda referir-me às enfermeiras-pára-quedistas, às assistentes sociais, e enfim a uma respeitável descendência moral do «Bom Samaritano», da bela parábola, e do gesto do Apóstolo S. José Barnarbé, aquele que, vendendo a herdade, trouxe o preço dela para benefício colectivo de seus irmãos. Mas volto-me para um grupo disperso e quase-anónimo que, por iniciativa própria, caladamente, se recreia e se ilustra num desporto sem ruidosos «records», num artefacto habilíssimo, aliás sem sombra de venalidade: os Radiamadores.

A sua actividade os leva a uma atitude profundamente humana, sem fronteiras, despida de ressentimentos «patrioteiros» ou «tribais», a salvar vidas, na busca, por chamadas em cadeia, de medicamentos raros para enfermidades invulgares. Aparecem por vezes na grande imprensa notícias desses *pequenos* factos, tão *grandes* para pais ou esposos aflitos. Lá vai o pedido de país em país, de instituto em instituto, de empresa em empresa, de particular em particular, expondo a urgente necessidade. Se não for por compaixão (quando o não será?) pela força propulsora da imitação, a mezinha aparece, surgindo com ela a esperança imediata dos angustiados. Uma hora

Continua na pág. 7

OS TEMPOS HERÓICOS DO ESCOTISMO PORTUGUÊS

Diz Eduardo Moreira: «O escotismo era e é ecuménico avant la lettre. Ainda não se falava em ecumenismo, já o movimento escoteiro era ecuménico. B.-P. era ecuménico. A nossa Associação era ecuménica. O Escoteiro ignora o ateísmo, pelo que faz um juramento de fidelidade a Deus. Assim, tivemos aqui um grupo onde estiveram os filhos do embaixador do Paquistão, dois muçulmanos que viveram sempre bem connosco. Mas o certo é que esse espírito não foi bem compreendido...»



(VIDE 2.ª PÁGINA)

Apontamentos para a história do Escotismo (4)

OS TEMPOS HERÓICOS DO ESCOTISMO EM PORTUGAL

FALA O REV. EDUARDO MOREIRA

O Rev. Eduardo Moreira não precisa de apresentação aos leitores de «Sempre Pronto». Amigo do nosso jornal desde a primeira hora e estrénuo colaborador que muito tem valorizado estas páginas, foi também um dos primeiros colaboradores do Escotismo em Portugal, acompanhando o evoluir do Movimento, desde a sua fundação até aos nossos dias.

A sua presença nesta galeria, mais do que pelas interessantes informações históricas que nos proporciona, vale pela clara análise que faz do valor pedagógico do Escotismo e da sua contribuição na educação social da juventude.

É pois um documento de valor que merece ser lido e meditado pelos responsáveis actuais do Escotismo em Portugal.

O bulício enervante da cidade logo desaparece portas a dentro, dando lugar a tal quietude e silêncio que nos dispõe bem. A construção centenária, a que gerações de religiosos impuseram um clima de calma e silêncio, é um dos raros oásis existentes na barulhenta e indisciplinada cidade.

Ambiente de sossego, sóbrio e acolhedor, propício à meditação e ao trabalho intelectual, é bem o lar de uma das mais cultas e brilhantes inteligências que temos o prazer de conhecer.

Na nossa frente o mais «velho» escoteiro português, um jovem de oitenta e seis anos, de ideias claras e práticas, que encara confiante a vida como se tivesse ainda uma longa jornada a percorrer, um homem grande na sua simplicidade, que nos honra tratando-nos de amigo, que nos transmite saber com o olhar de uma criança ávida de conhecimentos, que nos dá magníficas lições com as palavras simples e belas de uma língua que ele tem difundido com acérrimo orgulho e entusiasmo e que muito tem ajudado a purificar.



«Houve alguns líderes de valor, mas houve falta de líderes e não eram bastantes para criarem espírito de equipa, deplora Eduardo Moreira. Houve uma certa compreensão do Escotismo, mas não a suficiente para o tornar um movimento sólido e a sociedade não chegou a aperceber-se de todo o seu valor».

Recordando...

— «Propositadamente nada preparei para esta entrevista, pois que seria muito trabalhoso para mim reunir elementos que me permitam citar datas ou factos Estou pois *em branco* e só poderei responder àquilo que me for possível lembrar.»

O sorriso de amabilidade que acompanha este aviso diz-nos logo que ele é apenas uma condição que não uma limitação à nossa conversa. Pedimos pois:

Fale-nos dos primeiros tempos do Escotismo em Portugal.

— «Socorro-me apenas disto (e mostra-nos um álbum com alguns dos primitivos programas das actividades da União Cristã da Mocidade Portuguesa, mais tarde e ainda hoje chamada Associação Cristã da Mocidade) para referir alguns factos anteriores mas relacionados com a fundação do Escotismo no nosso País.

Devo ser com uma irmã minha, que tem menos dois anos, os únicos sobreviventes da reunião inaugural da União Cristã da Mocidade, de que tenho aqui o respectivo convite. Foi em 1898, assisti a esta reunião de que já morreram todos os convidados: Santos e Silva, Belarmino Ferreira, António José Rodrigues e António Rodrigues Moderno. A União foi prosseguindo com várias conferências, contra o álcool, contra o tabaco, etc.

Em 1902 apareceu o Sr. Rodolfo Horner. Lembro-me que a primeira conferência que ele fez foi *Como obter força*. Tinha um espírito empreendedor e uma força extraordinária de atracção da juventude. Encontrou o movimento do Esperanto em seu início e desenvolveu-o de uma maneira prática. O facto de dominar o alemão, o francês e o inglês deu-lhe oportunidade de estabelecer muitos contactos com elevadas personalidades que ele conseguia levar à U. C. M. P. e ali fizeram conferências independentemente das suas convicções.

Eu próprio tive a oportunidade de conversar com o Conde de Faro, António Cabreira que, sendo um ultra-conservador, foi muitas vezes à União.

Horner tinha um poder extraordinário. Alguém disse que se um dia o Arcanjo S. Gabriel viesse a Lisboa, Horner conseguiria dele uma conferência.

Os primeiros escoteiros

«Falei de Rodolfo Horner porque ele deve ter tido uma influência muito grande na introdução do Escotismo em Portugal.»

— *Mas tem-se definido a posição de Frank Giles como o idealista da criação do Grupo n.º 1. Teria sido Rodolfo Horner a convidar Frank Giles a organizar o grupo de escoteiros, ou este a procurar o apoio da U. C. M. P.?*

— «Não sei a quem pertenceu a iniciativa, mas claro que isso não é o mais importante. De quantos movimentos nunca se chega a saber de onde partiu a ideia. O certo é que se deve a simbiose do conhecimento e prática do Escotismo por parte de dois jovens, Frank Giles e outro rapaz inglês, de quem não me recordo do nome, e a boa vontade de dois amigos da juventude, com conhecimentos pedagógicos e sociológicos, Rodolfo Horner e Roberto Moreton, do que resultou a organização do Grupo n.º 1.

«Bom, ao Grupo de Macau podemos chamar o ante-primeiro, porque teve lugar antes do que oficialmente se chamou primeiro. Em Braga, também houve um concílio que se chamou o ante-primeiro, porque se realizou antes do que oficialmente se chamou primeiro.

«De maneira que existiu o Grupo de Macau, o ante-primeiro, e depois o Grupo n.º 1. Depois vieram o Grupo n.º 2 e logo o n.º 3 com Sá Oliveira, que era um ilustre pedagogo e um amigo dos jovens.

«O Grupo n.º 1 vivia na sede da U. C. M. P. que, entretanto, mudara para a Rua das Gaivotas, onde dispunha de um salão grande, que servia de ginásio. Era uma velha casa, com tradições históricas muito curiosas; havia sido já uma loja maçónica, pois que, ao fazerem-se obras, se viram paredes cobertas de preto. Também servia para bailes oferecidos por Junot no tempo da ocupação francesa. O edifício ainda existe e é hoje ocupado pela «Liga 28 de Maio».

«Era um grupo bastante activo e muito apoiado por quantos frequentavam a União. Recordo o convívio com o General Madureira Chaves, que era talvez um excêntrico, mas muito estimado entre os rapazes. Barjona de Vasconcelos, outro dos amigos do grupo que consigo recordar.

«Depois do desaparecimento dos dois rapazes ingleses, o UM contou com Ernesto de Sousa, que se integrou inteiramente na vida do grupo, ainda que a obra do Triângulo Vermelho tenha prejudicado um pouco a sua vida escotista.

Vida escotista

— *O Rev. Moreira ligou-se ao UM logo no seu início?*

— «Sim, mas como secretário do grupo. Pròpriamente pratiquei escotismo no Porto, quando fui Comissário Regional, com Álvaro Dória.

«Em Lisboa, tive uma acção mais administrativa e como conselheiro. Franklin de Oliveira teve uma temporada em que, por sua iniciativa, me visitava todos os dias para conversarmos e trocarmos sugestões. Era um entusiasta do Escotismo e que muito ficou a dever ao Movimento, como aliás tantos outros. Depois, houve um hiato na sua vida...

«Mais tarde, vi-me Secretário da Associação, que tinha perdido todos os seus elementos directivos. Então, com o Dr. Joaquim Fontes, foram longos serões de trabalho, porque eu estava empregado e só me encontrava disponível à noite. Nessa altura, recebemos preciosa ajuda do Dr. Curson, que ficou nas minhas recordações como um grande amigo do Escotismo. Homem já entrado na idade, mas dinâmico e interessado, prestou excelente serviço. Dava-nos o seu concurso e apoio de ordem moral, que nos ajudaram bastante. O filho foi depois chefe-escoteiro, mas ele foi um verdadeiro pai do nosso Escotismo.

«Depois veio o Dr. Tovar de Lemos e «a coisa» entrou mais nos eixos.

«Tive a honra de ir pedir-lhe o favor de nos acudir, já que o movimento estava, como se pode dizer, na minha «algibeira», como secretário da Associação, depois da saída de um Sr. Domingos, que teve de ser afastado por motivos de ordem moral.

«O Dr. Tovar de Lemos deu um grande impulso ao Escotismo».

Datas...

Tentámos obter a data desta crise associativa, mas não foi possível.

«— Não posso precisar os acontecimentos desse tempo, a não ser aqueles que me ficaram na memória como um psicograma. A nossa memória é como um filme que vai correndo, mas há pedaços que nos ficam e esses são como psicogramas... Parece, às vezes, que ainda vejo o movimento que ia por aquela sala na Rua das Gaivotas...»

E pelo rosto do nosso anfitrião perpassa um clarão de saudade, palavra de que tanto gosta e cujo verdadeiro significado se esforça por reabilitar, como recordação de um momento que valeu a pena ser vivido e se reconhece perene de motivação actual.

— *Creio que nos primeiros anos houve certa confusão. Grupos que eram inscritos na Associação e outros que a não aprovavam, outros que eram associados, mas que se afastaram por discordância. Registámos já em entrevista anterior que o próprio Grupo n.º 1 se afastou em dado momento, da Associação.*

«— Sim, por discordar de certa acção, mas depois compôs-se tudo... Datas não é possível...»

...e confusão

— *Temos verificado que se estabelece certa confusão quando se fala desses primeiros tempos, até porque se fala de memória de coisas passadas há muitos anos. Nomeadamente verificamos que a maior confusão existe no que diz respeito à vida da Associação. A maioria das pessoas trabalharam junto dos grupos e recordam melhor em pormenor os factos relacionados com a vida destes.*

— «Pena é que os arquivos não nos ajudem. Estamos no «país da papelada», mas a A. E. P. não correspondeu nesse sentido.

«Parece-me que a característica voluntária do Escotismo levou muitas pessoas a personalizarem demasiadamente a sua acção no movimento, considerando sua propriedade documentos que deveriam ter ficado nos arquivos associativos. Isso e as vissicitudes porque passou a Associação parecem ser as principais causas de tantas dúvidas que agora nos surgem.

«Não há dúvida que somos personalistas demais. É necessário ter um arquivo, uma sede para que todos os documentos existam cuidadosamente guardados. Quando isso não é possível, é preciso que as pessoas que deixam os seus cargos entreguem todos os documentos em sua posse, até de uma maneira solene e cuidadosa.»

Momentos que valeram ser vividos

Esgotada a possibilidade de recolha de elementos para a história, muito ficava ainda para escutar da palavra erudita do nosso interlocutor. Mudámos pois o rumo da nossa conversa, passando de leve e por algumas breves evocações para logo nos fixarmos no motivo de maior interesse da nossa conversa, já que a experiência e cultura do Rev. Eduardo Moreira o colocam em posição excepcional para aferir do valor pedagógico do movimento escotista e das suas iniciativas na sociedade portuguesa.

— *Recorda especialmente alguma actividade em que tenha participalo?*

— «Lembro-me de quando ao Porto chegaram Gago Coutinho e Sacadura Cabral, após a sua viagem triunfal. A manifestação escotista foi grande. Tomei parte nela fardado. Era um bom número de escoteiros que chamaram a atenção do público do Porto, ainda que não estivessem ali para se mostrarem mas para manifestarem o seu aplauso e fervor patriótico.

«Guardei muitos anos um pedaço da hélice de um avião de Sacadura Cabral de um desastre que ele teve, não o definitivo, mas outro a que os escoteiros acorreram e guardei para recordação um pedaço da hélice, que tenho pena ter perdido e não sei onde foi parar.»

Escotismo e humanismo

— *Ao surgir em Portugal, o Escotismo terá tido certa influência na vida da juventude e até na vida do País, ainda que felizmente se tenha mantido alheio a toda a confusão política desse tempo. Terá sido essa a razão que fez impor o Escotismo?*

— «Em alguns espíritos com certeza, porque eles emergiram da confusão, praticando humanismo, através das solicitações do Escotismo.

«Recordo, a propósito, a Sr.ª D. Maria Luísa Magalhães Esteves Pereira, que foi a fundadora do primeiro grupo de guias. Essa senhora foi uma verdadeira heroína, pela sua acção naquela época.



Quando se fala dos gloriosos tempos do Grupo 1, um nome há que ressalta entre os nomes duma nobre plêiade de escoteiros famosos, de homens fortes, possuídos de um Ideal humano e de uma Fé inquebrantável. Esse nome é o de Rodolfo Horner. Foi a essa alma ímpar, coadjuvado, entre outros, por dois homens de eleição — Roberto Moreton e Eduardo Moreira — que se ficou a dever, em grande parte, esse momento inesquecível do Escotismo em Portugal: os primeiros passos do Um. Seja a recordação desses tempos excepcionais — por muitos já considerados miraculosos — a inspiração do nosso movimento nos caminhos do futuro

«A princípio, os adultos que entraram no movimento, creio que consideravam mais a função pedagógica e a função psicológica para atraírem os jovens, do que a técnica. Depois deu-se precisamente o contrário; viu-se a técnica eclipsar um pouco o valor moral, ético e pedagógico do Escotismo.»

— *E porquê tal mudança?*

— «Talvez pela influência académica que começou a verificar-se no movimento. Tenho a impressão que a vida universitária, a vida académica, reduz o homem a uma posição supra-social inconveniente. E é por isso que, muitas vezes, grandes homens têm surgido pelo autodidactismo, porque o autodidacta é o que se faz a si próprio. Ora o Escotismo faz o autodidata, isto é, põe o rapaz a praticar ideias gerais que ele desenvolve.

«Apesar disso, o Escotismo teve uma influência muito grande em alguns jovens académicos e foi pena que se não generalizasse muito mais, pois traria grandes benefícios neste caso.»

Apesar de tudo...

— *O escotismo entre nós, apesar de se ter imposto com personalidade e ser uma actividade bem vista pelo público em geral, ficou sempre um movimento um tanto marginal. A quem devemos atribuir responsabilidades dessa falta de expansão:*

— *aos próprios escoteiros?*

— *ao Escotismo em si, quer dizer, ao espírito do Movimento que não sendo um movimento de propaganda de grandes massas, mas exactamente dirigido ao indivíduo?*

— *ou às pessoas que o rodeavam, que não quiseram aceitar a mensagem que ele transportava em si?*

— «Bem, eu estou convencido de que o Escotismo em Inglaterra foi compreendido pelos próprios líderes sociais. Aqui não me parece que isso tivesse acontecido. Tanto que, mais tarde, se fundou a M. P., de características bem diferentes, que procurou fazer esquecer o Escotismo. Por parte dos escoteiros, também muitos foram atraídos pelo lado aparatoso do Movimento: as marchas, os jogos, os acampamentos.»

— *Mas não terá havido também falta de preparação pedagógica dos que foram chamados a dirigir os rapazes, ou que se puseram eles próprios à frente de grupos de escoteiros?*

— «Sim. Traduziu-se o manual de B.-P. e no campo livresco pouco mais se fez. No campo de conferências e simpósios, o chamado diálogo de que hoje resulta o triunfo ou derrota de qualquer movimento, não houve muito.

«O meio estava avesso a essa influência. Custa-me acusar os dirigentes de não terem feito mais.

«Mas há também outra coisa. Nós, portugueses, temos um defeito: funda-se um movimento qualquer e arranja-se logo maneira de cindir-se um exemplo: o estudo da língua portuguesa; parece-me que todos os portugueses deveriam unir-se neste sentido, mas isso não aconteceu!

«Após a fundação do Escotismo, Barros Basto fundou logo o adueirismo, porque «era mais português do que aquele.»

«Tudo isto prejudicou a expansão do movimento escotista».

— *Espírito individualista dos portugueses?*

— «Sim, ao português falta muito espírito de equipa. Um líder em Portugal tem de infiltrar as suas ideias nos outros, como se fossem deles próprios, se desejar, que elas vão avante.

— *O aparecimento do Escotismo em Portugal correspondeu a uma fase de reforma em que havia a preocupação de instruir e educar o povo. Espíritos brilhantes e cultos dispuseram-se a conduzir e elevar a plebe. Tendo o Escotismo o mesmo sentido, dirigido principalmente à juventude, de preparar, embora individualmente, o rapaz de modo a torná-lo um cidadão útil, um homem completo. Porque é que o Escotismo não foi aproveitado já que era um processo educativo mais simples e já experimentado com pleno êxito noutros países? Falta de expansão porquê?*

— «O Escotismo veio para o nosso país num período de grande paixão política, em que quase tudo era absorvido pela política. O Escotismo, justamente, era apolítico e isso pode ter sido uma razão.»

— *Se o Escotismo fosse então uma facção política teria sido melhor aceite entre nós? Teria tido mais adeptos se não fosse mais do que uma nova seita partidária?*

— «Sim, teria tido mais adeptos, mas teria falhado no seu plano educativo.»

— *Não há dúvida que isso seria errado. Mas observado apenas como movimento de juventude. Se, em vez do Escotismo, tivesse surgido naquele período um movimento de juventude com carácter político, teria tido maior expansão do que o próprio Escotismo?*

«— É provável que tivesse, mas com prejuízo do próprio ideal de início e era capaz de já ter desaparecido, enquanto que o ideal do Escotismo permanece.

«O Escotismo era e é ecuménico *avant la lettre*. Ainda se não falava em ecumenismo, já o movimento escoteiro era ecuménico. B.-P. era ecuménico. A nossa Associação era também ecuménica. O Escoteiro ignora o ateísmo, pelo que faz um

Continua na pág. 6

A «FLOR-DE-LIS» EM CRISE

Pois o último número da Flor-de-Lis *deixou-nos verdadeiramente surpreendidos ao verificarmos que esta revista escotista, órgão do CNE, ia ser sujeita, ao cabo de mais de 47 anos de existência, a uma* cura de sono, *como ali se diz.*

Diversas vicissitudes por que esta nossa colega tem passado últimamente, entre as quais avulta o desinteresse dos leitores, impuseram a adopção de medidas drásticas. Assim, durante o próximo ano, a Flor-de-Lis *deixa de ser distribuída por assinatura, passando a ser enviada apenas às entidades que, por força do que está regulamentado, são obrigadas à sua assinatura e ainda aos que desejem manter as suas colecções completas.*

Também no decurso do próximo ano será estudada a reestruturação da revista, a fim de que, em 1974, volte a ser publicada em novos moldes.

Estes factos mostram com veemência que o movimento escotista no nosso país se debate com graves carências, pois os seus órgãos estão, volta não volta, ao sabor das contingências da falta de meios, de colaboração e de interesse, isto porque da parte daqueles que mais vantagens lhes é dado colher da existência dessas publicações pouco entusiasmo se manifesta

Tal como temos dito a respeito de Sempre Pronto, *o movimento escotista vai ter, mais uma vez, ensejo de demonstrar se é digno de continuar a dispor dos seus órgãos de informação.*

A positividade com que se corresponder a estes brados de alerta será o indicativo da vitalidade de escotismo em Portugal.

Por nossa parte, fazemos votos de que a Flor-de-Lis, *vencidas as dificuldades de agora, encontre motivos fortes que a levem a continuar a sua senda, cada vez de forma mais útil e vantajosa para o movimento escotista.*

O «SEMPRE PRONTO» em Vila Nova de Gaia

Correspondendo ao apelo que vem sendo feito pedindo correspondentes do «S. P.» nas localidades onde há Escotismo, o Chefe Joaquim da Rocha Saraiva transmitiu-nos a oferta do Chefe Ajudante do Grupo n.º 44, sr. Arlindo Guedes Maia, para desempenhar aquele cargo em Vila Nova de Gaia, oferta que foi imediatamente aceite com muita satisfação.

Damos pois as boas-vindas ao nosso novo colaborador, que já entrou em actividade, e apresentamos-lhe os nossos agradecimentos, esperando que da sua acção resulte mais divulgação ao nosso jornal

António de Jesus Brito

Este nosso estimado amigo e dedicado assinante, antigo escoteiro do Grupo n.º 6 e há anos radicado em Luanda, encontra-se em Olhão em gozo de merecidas férias. Enviamos-lhe as nossas saudações escoteiras.

Seis escoteiros a caminho de Paris em ciclomotor

Seis escutas de Aveiro, entre os quais o chefe Armando Coutinho, realizaram uma interessante digressão em ciclomotor até Paris.

Durante o percurso, estes escoteiros visitaram as cidades principais, entre as quais Andorra, no cumprimento de um programa bem delineado e prèviamente estabelecido.

O GRUPO UM

vai comemorar o LX aniversário da sua fundação com a realização

de um Concurso Fotográfico e de Jogos Florais

Aproxima-se a data em que o Grupo 1 comemora o 60.º aniversário da sua fundação.

Desejando assinalar convenientemente a efeméride, este Grupo já deu início a duas importantes iniciativas: o Concurso Fotográfico e os Jogos Florais.

O Concurso Fotográfico admite fotografias a preto e branco, nos formatos de 18×24 e 30×40 cm. de amadadores portugueses de ambos os sexos, dos seguintes temas: tema escotista e tema livre.

Os concorrentes assinalarão os seus trabalhos, em número ilimitado, com pseudónimo e os seus elementos de identificação estarão contidos em subscrito fechado que acompanhará as fotografias.

Estão previstos três prémios para este certame.

Quanto aos Jogos Florais, abertos a concorrentes de qualquer sexo que apresentem os trabalhos em língua portuguesa, prevêem-se as seguintes modalidades: Poesia livre; Quadra; Conto sobre escotismo; Conto sobre tema livre; Ensaio; Reportagem sobre escotismo; e Reportagem sobre tema livre.

Os trabalhos serão inéditos e em número ilimitado para cada concorrente.

Haverá um prémio para cada modalidade, que, contudo, poderá não ser atribuído, se o júri assim o resolver. Também estão previstas menções honrosas.

A entrega dos trabalhos, tanto do Concurso Fotográfico como dos Jogos Florais, terá de ser feita até 15 de Dezembro p. f., para o seguinte endereço: GRUPO I DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL — Rua de S. Bento, 329-2.º — LISBOA - 2. para onde também poderão ser enviados os pedidos de regulamentos, boletins de inscrição e informações destes dois concursos.

Escoteiros moçambicanos na Suazilândia

A convite do governo da Suazilândia, vinte e seis escoteiros de Moçambique deslocaram-se a Ben Forbes, naquele país, a fim de tomarem parte no acampamento nacional que ali se realizou no passado mês de Agosto.

Episódio escotista

Transcrevemos do nosso estimado colega brasileiro *O Guia*, que se publica no Rio de Janeiro, um curioso episódio acontecido no 4.º Acampamento de Encerramento:

Duas horas da madrugada. Uma sentinela chega à barraca e grita:

— Chefe! Tem gente roncando na barraca do Tubarão e do Júlio César.

— E daí? deixa que eles ronquem, então...

— Mas, chefe, o Tubarão e o Júlio não roncam Tem paciência, mas tem mais gente na barraca.

Os dois dirigem-se ràpidamente, apressados, à barraca do ronco. Uff!... Entre o Tubarão e o César estava dormindo um estranho, que roncava à vontade. Tratava-se de um dos porcos chatos que rondavam o acampamento constantemente e que resolvera compartilhar da barraca, abrigando-se entre os dois...

Jornada escotista comemorativa do Curso de Esperanto «Luís Simões Aurélio»

No domingo 15 do próximo mês de Outubro, o Grupo 19 e a Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal levam a efeito uma Jornada Escotista em homenagem à memória do antigo escoteiro e nosso saudoso colaborador sr. Luís Simões Aurélio, cujo nome foi dado ao curso de Esperanto que esta unidade escotista tem levado a efeito.

Trata-se de uma série de exercícios e provas escotistas e corridas atléticas, constituídos por execução de nós, prestação de primeiros socorros, seguimento de pista e corridas de pernas atadas e maratona escotista num percurso de cerca de 3 km.

Este concurso, reservado a patrulhas de grupos de escoteiros da AEP e do CNE, está valorizado pelas duas magníficas taças, «Luís Simões Aurélio» e «Grupo 19», que serão atribuídas às patrulhas 1.ª e 2.ª classificadas, respectivamente.

A concentração dos escoteiros far-se-á das 9 às 9 1/2 horas junto à sede do Grupo 19, no Bairro do Padre Cruz, na Pontinha.

O concurso realiza-se durante a manhã e a tarde.

Cerca das 17 horas, na sede do 19 será descerrada a fotografia de Luís Simões Aurélio, durante uma cerimónia escotista.

Aguarda-se a presença de escoteiros, antigos escoteiros e de simpatizantes do nosso movimento.

Jovem salvo de morrer afogado por um escoteiro

Na praia do Furadouro, perto de Ovar, o escoteiro Carlos Manuel Correia da Costa, de 14 anos de idade, salvou o jovem António da Costa Rocha, de 16 anos, de morrer afogado, lançando-se resolutamente à água.

Foi após vencer grandes dificuldades e com risco da própria vida que este escoteiro realizou os seus desígnios, pelo que o seu gesto mereceu os elogios de todos os circunstantes.



Grupo n.º 6 — Olhão

Foi atribuído ao Escoteiro Manuel Joaquim Belchior, o prémio de uma assinatura anual de «Sempre Pronto» oferecido pelo antigo escoteiro daquela unidade de Olhão, sr. António de Jesus Brito.

O prémio destina-se a galardoar o membro do Grupo 6 que em cada ano mais se distinga pela sua dedicação e espírito escoteiro.

PÁGINA DO ESCOTEIRO



PARA TI, IRMÃO ESCOTEIRO

Amanhã



Amanhã!

O amanhã poderá ser a asfixia da tua patrulha.

Lembra-te de quantas coisas deixaste de fazer por causa deste abominável hábito de deixar para amanhã.

Por que não hoje?

Hoje é o momento exacto em que deves dar corporização aos teus projectos.

Não quer isto dizer que passes a fazer tudo levianamente, que não medites nos teus projectos, que não os planeies.

Porém, o facto de ponderar as iniciativas, de as estudar e de as examinar, deve ser já um período de realização, um momento imediato da concretização de qualquer iniciativa.

Não deixes, por hábito ou comodismo, as tuas ideias estiolarem, devido ao vício de as pensares ou repensares dias e dias seguidos.

Hoje é o dia útil!

Repara que o amanhã que imaginas, não chega muitas vezes a acontecer

Pensa hoje, planeia hoje, realiza hoje. Terás, assim, diante de ti uma vida fecunda, de que te orgulharás e de que serás o primeiro a colher os ubérrimos frutos.

Hoje!

Uma saudação fraterna do

Pinguim do Meio-Dia

Concurso de trabalhos escotistas em miniatura

Vê o regulamento deste concurso no número anterior.

Não esqueças que o prazo para a entrega dos trabalhos termina em 30 de Outubro.

TÉCNICA & SABEDORIA

Por BICHO DA MADEIRA

ESPECIALIDADE DE CAMPISTA

(continuação do número de Junho)



3.º — Saber prever a alimentação necessária para três dias de campo e como conservá-la.

A alimentação do escoteiro tem de ser simples e sadia e não excessiva.

Patuscadas de encher a pança e de esticar a perna ao sol são apanágio de grupos jantaristas e não de patrulhas escoteiras.

Não vamos falar, nesta altura, de culinária mas sim de alimentos para três ou mais dias de campo.

Para vossa orientação, e com base no que dizem os nutricionistas, concluímos que um rapaz deve consumir por dia o seguinte:

— Arroz: 60 g.
— Açúcar: 100 g.
— Café de soja: 50 g.
— Carne ou peixe: 200 g.
— Legumes: 200 g.
— Frutas: 200 a 500 g.
— Doce: 50 g.
— Leite: 0,5 litro.
— Manteiga: 25 g.
— Ovos 1.
— Pão: 300 g.
— Batatas ou feijão: 100 g.
— Margarina: 10 g.

Além do indicado, deveis contar com os temperos: limão, alho, cebola, tomate, salsa, etc.

Multiplicando os alimentos indicados, pelos membros da patrulha e, depois, pelo número de dias que o acampamento dura, ficas a saber o que necessitas para levar para o campo.

Não indicamos nesta altura o poder calorífico e vitamínico dos alimentos, porque destinamos esse assunto à especialidade de cozinheiro.

Para a conservação dos alimentos, convém ler o que anteriormente dissemos, quando falámos da cozinha.

Porém, reforçamos que os víveres têm que ficar em lugar fresco e à sombra, pois o calor altera-os.

Por isso, é necessário que fiquem separados e acondicionados em caixas.

Nalguns casos até poderão ser colocados numa vala aberta no solo.

Não se leva peixe ou carne para mais de um dia, a não ser que sejam salgados, enlatados ou fumados.

Os ovos duram vários dias, mas têm que estar em sítio fresco.

Os legumes e frutas devem ser borrifados com água e colocados em caixas, à sombra.

O leite é preferível levá-lo em pó ou condensado.

Manteiga e margarina são colocadas em recipientes vedados e metidos no fundo de água ou na tal vala aberta na terra, a fim de não se derreterem.

Para outros alimentos, convém usar um saco mosquiteiro compartimentado, que será dependurado à sombra, numa árvore.

O que é necessário é que tudo o que se utilize esteja em perfeito estado de conservação.

4.º — Saber utilizar e conservar o material de acampamento, reparar uma tenda, etc.

O material de campo é, normalmente, bastante caro e, portanto, não pode ser utilizado de qualquer forma, sendo necessário que esteja sempre apto para o serviço.

Para tua orientação, vamos tratar apenas de algumas peças de material de campo e que servirão de exemplo para as restantes.

Candeeiro

— Depois de utilizado, deve retirar-se o vidro e limpá-lo com um pedaço de papel ou pano. É sinal de desleixo trazer candeeiros sujos para a sede

— Verificar todos os dias se existe petróleo suficiente no depósito e se a torcida está a rolar em condições Esta verificação deve ser feita de manhã para que haja tempo de remediar durante o dia ambos os casos.

— Manter sempre o candeeiro na vertical para que o petróleo não se escoe.

— No Inverno, depois da época de campo, o candeeiro deve ser desmontado, a chaminé limpa com diluente, a torcida renovada e, finalmente, pintado com tinta de alumínio.

Espias

— Manter as espias sempre falcaçadas.

— Se as espias não estiverem em serviço, devem ser guardadas enroladas conforme a técnica escoteira.

— Não deixar as espias caídas pelo solo, mas dependuradas em lugar certo.

(Continua)

Apontamentos para a história do Escotismo Cont. da pág. 3

juramento de fidelidade a Deus. Assim, tivemos aqui um grupo onde estiveram os filhos do embaixador do Paquistão, dois muçulmanos que viveram sempre bem connosco.

«Mas o certo é que esse espírito não foi bem compreendido e fundou-se logo um movimento católico-romano, quando a A. E. P. era para todos. Ora, a sociedade em geral viu logo que era um movimento não compreendido no seu plano ecuménico.»

—Mas o C. N. E. nasceu só em 1922!...

«— Sim, mas de qualquer maneira ele era a consequência da atitude dos elementos cristãos tradicionais a respeito de uma associação onde os primeiros elementos pertenciam a uma minoria dissidente religiosa, ainda que o Grupo n.º 1 fosse um grupo cristão aberto, porque o Y. M. C. A. em todo o mundo é aberta a todas as religiões.»

Faltaram dirigentes

— Na Inglaterra, mal surgiu o Escotismo logo se verificou uma expansão que se tornou um perigo, pois chegou a ameaçar a verdade do próprio Escotismo. Porque se não passou também assim entre nós?

«— Houve alguns líderes de valor, mas houve falta de líderes e não eram bastantes para criarem espírito de equipa. Houve uma certa compreensão do Escotismo, mas não a suficiente para o tornar um movimento sólido e a sociedade não chegou a aperceber-se de todo o seu valor. Surgiram depois actividades como o campismo, aproveitando ideias do escotismo, mas sem se integrarem na orientação pretendida pelo Escotismo.

«Isso poderá querer dizer que se conheciam pormenores do Escotismo que agradavam, todavia o seu todo educacional parece ter escapado à grande maioria».

— O Escotismo manifestou-se exteriormente por marchas, exercícios militares, a própria disciplina rìgidamente militarizada. Isto era apenas uma manifestação produto da época, ou uma deformação das pessoas que dirigiam os escoteiros?

«— Ambas as coisas, porque essas mesmas pessoas eram produto da época. Tanto dirigentes como dirigidos eram produtos da época. Entendia-se então que o civismo tinha de ser militarizado. Ora o Escotismo precisava de ter tido e precisa de ter maior influência na educação cívica do nosso povo. O escoteiro tem de ser naturista, isto é, amar a Natureza e um perfeito cidadão.»

— Faltaram-nos mais Sá de Oliveira, Tovar de Lemos, Eduardo Moreira...

«— Não posso colocar-me a par dos líderes do Escotismo. Trabalhei nele, porque as circunstâncias mo puseram nas mãos.

«Havia pessoas verdadeiramente interessadas, mas o meio não ajudou e não eram tantos e que tanto fizessem que pudessem criar um ambiente propício ao desenvolvimento do Escotismo.

— Esses poucos verdadeiramente interessados, terão eles descurado ou não terão pensado sequer que o mais importante era criar substitutos?

«— Alguns tiveram uma vida tão ocupada que os impedia disso, porventura, porque não podemos julgar o semelhante. O certo é que não houve continuadores ao grau de interesse desses entusiastas.»

Questão de adaptação?

— O Prof. Dória disse em tempos nas colunas de «Sempre Pronto» que o Escotismo em Portugal nunca havia sido adaptado ao carácter do povo português, sendo essa uma das causas que impediu o desenvolvimento do Escotismo. Qual a sua opinião?

«— Não foi por ter nascido inglês que o Escotismo não se generalizou em Portugal.»

«Pode-se dizer que o exército português teve uma influência extraordinária de instrutores estrangeiros, alemães, suíços e ingleses, e adaptou-se porque era necessário. Aliás, as coisas inglesas adaptam-se aqui perfeitamente. Até temos o defeito de fazer as coisas *para inglês ver*. O mal, portanto, não deve ser esse já que o povo português se adapta perfeitamente às coisas que vêm de fora. Adapta-se e assimila.

«O Escotismo teria tomado uma feição consentânea com o modo de ser português se, por outras razões, se tivesse desenvolvido. Isso é tomar o efeito pela causa.»

— Os adueiros, por exemplo, adoptaram nomes e símbolos caracteristicamente portugueses?

«Sim, mas era uma adaptação muito menos perfeita do que a nossa. A própria palavra *Escoteiro* tem fundas raízes portuguesas. *Viaja escoteiro* é uma expressão perfeitamente vernácula.

«Têm existido em todos os tempos movimentos de carácter universal que têm vindo até Portugal mas que aqui decaem. Deve existir uma causa geral. Estou-me lembrando do Esperanto. É certo que se caiu no erro de se pensar, porque os comunistas utilizaram o Esperanto, que este servia aquela política. Erro de lógica, sem dúvida. Mas o certo é que aquele movimento teve uma certa aura e depois caiu. Também o movimento Naturista teve um momento em que tomava muito as atenções e agora parece-me que pouco se fala nisso. É o tal individualismo e falta de espírito de equipa.»

— Não acha que esses ideais muito definidos, como o naturismo e as próprias religiões, correm o perigo do fanatismo e é este de um modo geral que os condena porque se fecham e se tornam demasiado rígidos e intolerantes?

«— Isso sucede realmente com a religião e com a política também. Os ideais políticos estreitos conduzem a princípios intolerantes e condenáveis. Por exemplo: a grande democracia suíça só agora consente a entrada de jesuítas no seu território, um princípio de intolerância numa democracia considerada exemplar; só agora as mulheres votam e é uma mulher que propõe uma Lei de defesa das parturientes, coisa em que os homens parece não terem pensado.

A juventude — objectivo número um

— O Rev. Moreira tem sempre acompanhado a juventude e as suas manifestações. Que pensa dos jovens de hoje?

«— A nossa juventude está vivendo uma época difícil, mas há um certo movimento interessado em actividades como teatro, orfeões, espeleologia, caça submarina, artes plásticas, etc., e isso deixa-me muito contente.

«É um erro pensar que a juventude só agora é contra. Os velhos de hoje devem lembrar-se que, quando jovens, também foram contestatários. Quantas vezes os estudantes de Coimbra iam pedir dispensas pelo tempo perdido em protestos e manifestações?...

Não é um movimento falhado!

— Acha que o Escotismo vale a pena continuar a existir?

«— O Movimento deu o seu contributo para a educação da nossa juventude... e produziu alguns exemplares de grande valor. Não é um movimento falhado!

«Acho que seria uma derrota abandonar o campo e uma traição aos próprios ideais, porque o Escotismo ainda tem condições de utilidade e o ambiente à sua volta tende a melhorar.

«Creio que estamos na curva da estrada. Estes momentos de que falei, do que se tem verificado agora, são um sinal de que se passou já um período crítico e que tem de melhorar. O que é necessário é divulgar, porque hoje nada se faz sem divulgar. É claro que a divulgação está na mão das empresas, que nem sempre se servem da veracidade mas da conveniência. A divulgação de um ideal são é um problema...»

— Valeria a pena fazer-se entre nós publicidade do movimento escoteiro, tal como ele se encontra?

«— Antes de mais é preciso fazer por merecer qualquer publicidade. Isso é também um defeito nosso. Nós começamos, em geral, pela teoria e a tal ponto que, numa sociedade, antes de termos sócios fazemos logo os estatutos. Como dizia um certo professor da idade média, *para se fazer uma caixa, pega-se num cubo de ar e reveste-se de uma substância sólida».*

— Sendo o Escotismo um movimento velho e estando a juventude tão preocupada com inovações, acha que o Escotismo mesmo divulgado teria a penetração e aceitação dos jovens de hoje?

«— O Escotismo não é um movimento velho mas um movimento permanente.

«Tem condições de não envelhecer. Envelhecem sim os seus dirigentes, morrem até, mas é preciso serem substituídos a tempo para que o ideal permaneça.»

O caminho a seguir

— Vê realmente um valor actual no ideal do Escotismo que possa trazer como movimento para a juventude uma verdadeira utilidade, uma mensagem e uma forma de caminho?

«— O Escotismo tem uma mensagem múltipla, enquanto aquilo que se observa entre os jovens são mensagens relativas: uns cantam, outros pescam, outros correm.

«O Escotismo apela para o amor completo, desde o amor à Natureza ao amor ao próximo.

«O que é necessário, então, é que o Escotismo ensine a juventude porque o Escotismo é uma afirmação, mas uma afirmação não estreita. O ser humano é um ser natural e, por isso, ama a Natureza, mas é também um ser social e, por isso, deve amar a Sociedade, no seu aspecto cívico de colaboração colectiva.

«O que era essencial eram líderes. Rapazes compreendendo bem o ideal e dispostos a transmiti-lo.»

— Acha que se poderia fazer alguma coisa nesse sentido?

«— Seria interessante promover-se um inquérito entre educadores, conhecedores ou não do Escotismo, para recolher elementos de estudo deste problema que permitissem a realização de um simpósio ou reunião... (hoje existem muitas palavras para definir isso...), enfim, um encontro de indivíduos interessados na educação da juventude, para analisar os motivos de interesse dos jovens pelo Escotismo.

«É preciso um esforço grande, mas acho que valia a pena!»

No rosto do nosso entrevistado nem o mais pequeno sinal de descrença, nos seus olhos o brilho da confiança no amanhã da juventude, que a juventude do seu espírito entende perfeitamente.

Ao despedirmo-nos do nosso simpático anfitrião, sentimo-nos possuídos da esperança em dias melhores que a sua forte personalidade a todos transmite e é essa sua confiança que nos lembra e nos afirma:

TUDO VALE A PENA QUANDO A ALMA NÃO É PEQUENA.

M. GARCIA



Prof. Álvaro Viana de Lemos

No dia 22 de Agosto p. p., faleceu na sua residência, em Coimbra, com a idade de 91 anos, o sr. Prof. Álvaro Viana de Lemos.

Este distinto educador, grande amigo do Escotismo, foi um dos dirigentes do Grupo 1, por volta do ano de 1915 e, mais tarde, já em Coimbra, fundou ali vários grupos de escoteiros e exerceu o cargo de comissário de zona da AEP

O Prof. Álvaro de Lemos, começou por seguir a carreira militar, de que se demitiu já com o posto de capitão, pelo que se afastou para a Bélgica, onde cursou Belas-Artes em Bruxelas e Trabalhos Manuais em Saint-Gilles.

De volta a Portugal, tirou o Curso Colonial, na Sociedade de Geografia, e fez outros estudos a que o seu espírito ávido de saber o impelia. Conhecia as línguas inglesa, francesa, esperanto, alemão, grego e quimbundo.

Notável pedagogo, foi professor do Colégio-Liceu da Figueira da Foz, da Escola Normal de Lisboa, da Escola Nacional de Agricultura, de Coimbra, da Escola do Magistério Primário e da Tutoria da Infância, também de Coimbra Além disso foi ainda professor de ginástica. No escotismo, mostrou-se exímio professor de trabalhos manuais

No I Congresso Pedagógico, foi proclamado benemérito da instrução.

Na I Conferência Nacional de Escotismo, que se realizou, em 1925, em Lisboa, o Prof. Álvaro de Lemos apresentou a tese *Da viabilidade e eficácia do Escotismo em Portugal.*

Por essa altura a Associação dos Escoteiros de Portugal também deu à estampa um folheto da autoria do Prof. Viana de Lemos, intitulado *O Escotismo — Método Educativo*, destinado em especial a professores e educadores, em que se faz um completo estudo do método escotista, do interesse que desperta na mocidade e das vantagens da sua aplicação entre nós, quer nas escolas, quer fora delas.

Quando em Abril de 1949 se realizou em Lisboa um jantar de confraternização que reuniu elevado número de antigos escoteiros do Grupo 1, pois se comemorava o 37 ° aniversário da introdução do escotismo em Portugal, o Prof. Álvaro de Lemos veio propositadamente de Coimbra a Lisboa para tomar parte nessa reunião, tal a sua admiração pelo nosso movimento.

Inteligência em constante actividade, espírito cintilante e criador, o Prof. Álvaro de Lemos era apreciado conversador, quer pela sua afabilidade, quer pela sua cultura, quer pela enorme experiência adquirida através de constante actividade em diferentes contingências.

O Prof. Álvaro de Lemos era casado com a sr.ª D. Laura Celeste Tavares Mendes e pai da sr.ª D Carolina Lemos César Anjo e do sr. Eng.° Fernando Tavares de Lemos, a quem *Sempre Pronto* manifesta todo o seu pesar.

Um dirigente escotista distinguido pelo CNE

O presidente da Fraternal Nuno Álvares, da Região de Coimbra, acaba de ser distinguido com a «Cruz de Mérito», pelo Corpo Nacional de Escutas.

Trata-se de um dirigente que há muitos anos tem vindo a realizar um belo trabalho em prol daquela associação escotista, em especial na região coimbrã, de que têm resultado bons frutos para o escotismo

A insígnia será entregue durante um acto solene, integrado nas comemorações do ano jubilar do CNE.

Amigos em toda a parte

De Presidente Prudente, no Estado de S. Paulo (Brasil), escreve-nos o escoteiro Luís Carlos da Silva a comunicar-nos que está interessado em corresponder-se com escoteiros portugueses, tanto do Continente, como do Ultramar, para troca de selos e postais.

Luís Carlos pertence ao Grupo de Escoteiros John F Kennedy, e o seu endereço é: Luís Carlos da Silva, Caixa postal 193, 19100 Presidente Prudence, S. Paulo, Brasil.

Quem é que vai corresponder-se com este nosso simpático camarada?

Imprensa escotista

«Sempre Pronto»

Recebemos mais um número de «Sempre Pronto», órgão do Agrupamento de Escoteiros Ismaelitas de Lourenço Marques.

Trata-se de uma interessante publicação, em parte impressa, com excelente aspecto gráfico e boa colaboração

Agradecemos a visita.

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

Fernando Pinto Vieira

Tivemos o grato prazer da visita deste nosso estimado camarada e assinante. Chefe Administrativo do Grupo n.° 39 da A. E. P. em Benguela, que trouxe saudações do Escoteiro-Chefe Manuel Nunes Pereira.

Agradecemos muito a atenção e desejamos que o Chefe Pinto Vieira tenha tido viagem feliz no regresso a Benguela, onde já se encontra.

BOMBEIROS, BANHEIROS E RADIAMADORES

Continuação da pág. 1

de esperança é já um valor sem medida. Que diremos duma possível vitória para dias ou anos? Fecho admirável poderá ser esse, talvez dum drama de família, reforço precioso do optimismo dos que que não querem ver no Homem inteiramente apagada, delida ou escurecida, a *Imago Dei* de que nos falam os textos sacros, com este apelo: «desperta tu, que dormes...» Esse dormente não deixa de ser o homem, formado à imagem e semelhança de Deus, repositório completo da Verdade, da Justiça, do Amor.

O Escoteiro tem de ser sempre o «escudeiro» gentil, prestes a tornar-se, se o não é já, o cavaleiro valoroso das circunstâncias que lhe surgem, se não as busca (como ao dragão e à donzela no lendário S. Jorge). O nó do seu lenço não é um «nó-cego», difícil de desatar. Nem é o famoso «nó-górdio» (lembram-se?) o daquele carroceiro frígio que, para ser rei, quebrou a regra e usou a espada onde os grossos dedos nada podiam.

A escola do Escotismo dá dedos hábeis para executar muitos nós. De igual modo dá o desejo de desatar o nó-do-lenço, tomando por mestres e camaradas todos aqueles que praticam o bem.



Grupo 44

Prova de exploração

Em 9 de Julho último, este grupo realizou uma prova de exploração através da serra de Valongo, seguindo o azimute de 150° através do sanatório do Monte Alto, até à Ínsula de S. Pedro da Cova, mais conhecida por Belói.

Neste local fez-se a montagem de um cabo vaivém para a travessia do rio Ferreira.

Ao trabalho de montagem e à utilização deste cabo assistiu grande multidão, pois no local estava-se realizando uma festa oficial.

No final, os escoteiros foram convidados a tomar parte no repasto.

Comissão de Patrocínio e Cultural

Com o fim de oferecer melhores condições de auxílio cultural aos escoteiros e sócios auxiliares deste grupo, a sua chefia resolveu criar esta comissão, a qual ficou constituída pelos srs. António de Oliveira, Benjamim Augusto Pilão, Joaquim Monteiro de Carvalho, Lino José Machado Dinis, José Nunes dos Santos, Rodrigo Rodrigues dos Santos, José Mário Ferreira, Joaquim Magalhães Pacheco e António da Assunção Ribeiro.

Alcateia

Este grupo está a reorganizar a sua alcateia, para o que conta com a valiosa colaboração da menina Dalila, akelá-ajudante do Grupo 17.

Já estão inscritos numerosos lobitos, sete dos quais fizeram a promessa no dia 30 de Julho, acto que foi devidamente festejado com um lanche oferecido pela Comissão de Patrocínio a todos os lobitos e convidados.

Acampamento Amizade

Sob esta denominação, efectuou este Grupo em 7 e 8 de Agosto, um acampamento, em Balói, onde estiveram presentes todos os elementos do grupo, incluindo lobitos e aspirantes.

Casamento

Em 5 de Agosto, na Igreja Paroquial de S.ta Marinha, realizou-se o enlace matrimonial da sr.ª D. Angelina Maria com o sr. Fernando da Conceição. A noiva é filha do nosso estimado assinante sr. Lino José Machado Dinis, Membro da Comissão de Patrocínio do Grupo n.° 44. Desejamos aos noivos as maiores felicidades.

Arlindo Guedes Maia

Imprensa Brasileira Escotista

«O QUERO-QUERO»

Recebemos a visita deste boletim, dirigido pelo sr. Eduardo Duval, da região de Pelotas (Rio Grande do Sul).

«EU AMÉRICA DO SUL»

Também foi recebido na nossa redacção este boletim, dirigido pelo sr. C. V. Rodrigues. Trata-se de um órgão do Grupo Escoteiro Lourenzo Paolo Domiciani, da Goiás, Goiânia.

Agradecemos a visita destas duas interessantes publicações.

ESCOTEIROS PORTUGUESES!

VEM AÍ O JAMBORI NO AR

Pois é. O tempo passa rápido, é preciso não demorar as decisões, sob pena de as nossas iniciativas não serem organizadas convenientemente e, por conseguinte, não se retirar delas os resultados de que seríamos capazes,

Vem este arrazoado a propósito do XV Jambori no Ar que se realiza já no próximo mês, ou mais exactamente, nos próximos dias 21 e 22 de Outubro.

Este ano os portugueses têm a responsabilidade de marcar uma posição se possível ainda mais saliente que a dos anos anteriores. É que este ano o desenho do cartão de participação no JOTA, usado pelos escoteiros de todo o mundo, ostenta interessante trabalho de um escoteiro português, o companheiro Sérgio Luís Branco Roque, do Grupo 36, de Luanda. Sendo assim, não podemos deixar os nossos créditos por mais alheias, num ano em que o nome de Portugal vai estar presente perante milhares de escoteiros das sete partidas do mundo.

Que é preciso para tomar parte no JOTA?

As regras são muito simples:

1.º — Os dirigentes do Grupo devem prevenir o Organizador Nacional (E. C. Justino Estêvão da Silva — Associação dos Escoteiros de Portugal — Cais do Sodré — Lisboa-2) da intenção de participarem no JOTA.

2.º — Conseguir a cooperação de um radiamador.

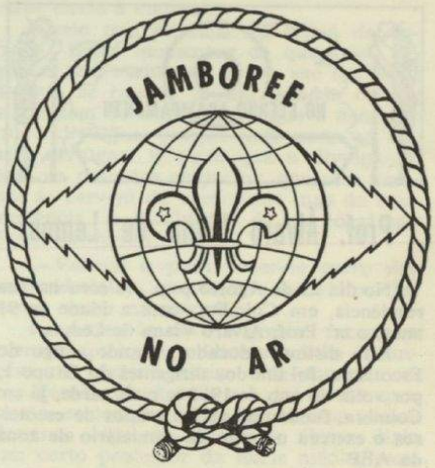
3.º — Observar o que está oficialmente regulamentado acerca da radiodifusão (informação que tanto o Organizador Nacional como os próprios radiamadores estão habilitados a fornecer).

4.º — Utilizar todas as frequências e modalidades de transmissão autorizadas.

5.º — Enviar, no final, um relatório da actividade desenvolvida ao Organizador Nacional.

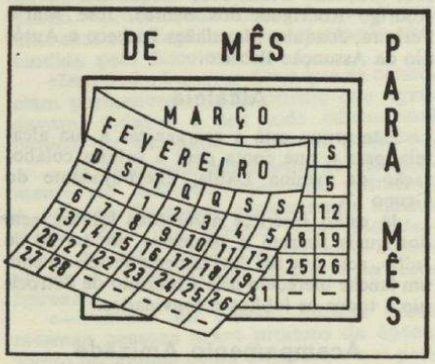
6.º — Não esquecer que o JOTA começará às 0 horas do dia 21 (sábado) e terminará às 23 horas e 59 minutos do dia 22 (domingo) (horas locais).

Pelo que é do nosso conhecimento podemos assegurar que a Organização Nacional está trabalhando com o maior cuidado, a fim de no momento preciso tudo estar prevenido e oferecer a garantia da maior eficiência possível.



Não esquecer que estão previstos indicativos especiais para postos que vão actuar em Lisboa, Santarém, Angra do Heroísmo, Ponta Delgada e Funchal, como já informámos no número anterior.

Nestas cidades e em Benguela, Nova Lisboa, no Dondo (Moçambique) e provàvelmente em Lourenço Marques funcionarão no dia 21 postos de correio, onde serão apostos carimbos especiais do JOTA.



SINCERIDADE



Passa este mês o 59.º aniversário da Associação dos Escoteiros de Portugal, data que merece ser assinalada com satisfação porque evoca a notável obra realizada pela aniversariante na educação de sucessivas gerações de jovens. A efeméride foi comemorada com um acampamento que se realizou no Parque de Escotismo da Caparica. Lemos na imprensa diária que participariam nesta actividade «os grupos de Lisboa e arredores, com um total superior a uma centena de escoteiros».

Louvamos a fidelidade ao 1.º artigo da Lei do Escoteiro do informador da imprensa, mas confrange que os grupos de Lisboa e arredores só consigam reunir pouco mais de uma centena de escoteiros para comemorar o aniversário da sua Associação. Temos de fazer um esforço para assinalar devidamente o 60.º aniversário com um efectivo de Lisboa que ultrapasse o milhar, pelo menos, será muito?) porque doutra forma talvez não mereça a pena festejar o aniversário de um enfermo agonizante.

Escoteiros e antigos escoteiros reunidos no IV Jambori da Saudade

Os escoteiros do Dondo (Moçambique) levaram a efeito, de 27 de Agosto a 3 do corrente, mais um Jambori da Saudade — 4.º.

Como os anteriores, este acampamento realizou-se nos terrenos da Lusalite, mas neste ano não estiveram presentes apenas antigos escoteiros, mas também os escoteiros, as guias, os lobitos e avezinhas, numa grande manifestação de amizade e da mais absoluta fidelidade aos ideais de Baden-Powell.

XLV Poemeto filatélico

Ante o novo selo comemorativo da XX Olimpíada

Os deuses do velho Olimpo
(mortos antes do nascer)
deixaram-nos o céu limpo
para um novo empreender.

Olimpíadas famosas
nasceram na nova idade.
Competições numerosas
lhes deram maioridade.

Em alcance às novas metas,
labutam velhos e novos.
Por meio dos seus atletas
Confraternizam os povos.

EDUARDO MOREIRA

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00